

A Call for Sober Reflection on Xenophobia and Regional Solidarity

HE Graça Machel - 17 July 2026

I believe that we need to conduct a deep analysis of the phenomenon called xenophobia, within the context of our relations with South Africa, and know how to separate the wheat from the chaff without being blinded only by current events. It is necessary to analyze what lies behind this, what the causes are, and the implications of not going to the root of the problem; otherwise, these phenomena will happen again and again. My appeal is for us to calmly sit down, analyze, and establish immediate, short, medium, and long-term measures so that this does not become recurrent.

Migration is in our veins and comes from our ancestors, who always saw the relationship between Mozambique and South Africa as one of brothers and complementarity, even before the national liberation struggle. We need to analyze the causes and the phenomenon historically, defining South Africa's responsibilities as well as our own. We must avoid consolidating feelings of hatred, as we are brothers and there are families rooted in both countries for generations; hatred could lead us to extreme situations like what happened in Rwanda.

Saying "no to hatred" and avoiding an "eye for an eye" mentality is fundamental, even regarding companies that invest here, produce wealth, train workers, and pay taxes. What we should be doing is also creating companies in South Africa, rather than saying that those here must leave.

SADC's silence is the result of its bureaucratization, having become a machine for organizing meetings based on economic interests without analyzing the interests of relations between nations and societies. In the past, heads of state would have met immediately to analyze these disturbances and define responsibilities. Thousands of young people go to South Africa to do simple jobs because they do not feel motivated to do them here, which requires a reflection on how to retain our citizens through internal opportunities.

Those whose lives are in danger in South Africa should return home, where the government must create conditions to welcome them, give them land, and encourage them to start businesses or associations. SADC must reinvent itself and reclaim the spirit of solidarity of the SADCC, where each country had clear responsibilities in sectors such as transport and energy for regional integration.

We must reactivate active solidarity among peoples through trade unions, academics, and organizations for women and youth. We need to move away from the formalism of reports and focus on effective food production, as it is incomprehensible that the region suffers from hunger with so much land and rivers available. We should bring in producers from South Africa, Zimbabwe, and Tanzania who are already exporting to work with us and learn from them, rather than waiting for China.

Um Apelo para uma Reflexão Serena sobre a Xenofobia e a Solidariedade Regional S. Exa.

Graça Machel – 17 de Julho de 2026

Acredito que nós precisamos de fazer uma análise profunda do fenómeno que se chama o fenómeno xenofobia, num contexto em que olhamos para as nossas relações com a África do Sul, neste caso, e sabermos também separar o trigo do joio e não ficarmos muito ofuscados apenas pelos acontecimentos de agora. É preciso analisar o que é que está por detrás disso, quais são as causas e as implicações de não irmos à raiz do problema, caso contrário, estes fenómenos vão acontecer repetidamente. O meu apelo é para que nos sentemos a analisar e estabeleçamos medidas de imediato, curto, médio e longo prazo para que isto não se torne recorrente.

A migração está nas nossas veias e vem dos nossos antepassados, que sempre viram a relação entre Moçambique e a África do Sul como uma relação de irmãos e complementaridade, mesmo antes da luta de libertação nacional. Precisamos de analisar as causas e o fenómeno historicamente, definindo as responsabilidades da África do Sul e também as nossas. Devemos evitar consolidar sentimentos de ódio, pois somos irmãos e há famílias radicadas em ambos os países há gerações; o ódio poderia levar-nos a situações extremas como as que ocorreram no Ruanda.

Dizer "não ao ódio" e evitar a mentalidade de "olho por olho" é fundamental, mesmo em relação às empresas que investem aqui, produzem riqueza, formam trabalhadores e pagam impostos. O que devíamos fazer é criar empresas também na África do Sul, em vez de dizer que as que aqui estão devem ir embora.

O silêncio da SADC é o resultado da sua burocratização, tornando-se uma máquina de organizar reuniões baseada em interesses económicos, mas sem analisar os interesses das relações entre nações e sociedades. No passado, os chefes de Estado teriam se reunido imediatamente para analisar estes distúrbios e definir responsabilidades. Milhares de jovens vão para a África do Sul fazer trabalhos simples porque não se sentem motivados a fazê-los aqui, o que exige uma reflexão sobre como reter os nossos cidadãos através de oportunidades internas.

Aqueles que estão em perigo de vida na África do Sul devem voltar para casa, onde o governo deve criar condições para os acolher, dar-lhes terra e encorajá-los a iniciar negócios ou associações.

A SADC tem de se reinventar e retomar o espírito de solidariedade da SADCC, onde cada país tinha responsabilidades claras em setores como transportes e energia para a integração regional. Devemos reativar a solidariedade ativa entre os povos, através de sindicatos, académicos, organizações de mulheres e jovens. Precisamos sair do formalismo dos relatórios e focar na produção efetiva de comida, pois é incompreensível que a região tenha fome com tantas terras e rios disponíveis. Devemos trazer produtores da África do Sul, Zimbabué e Tanzânia que já estão a exportar para trabalharem connosco e aprendermos com eles, em vez de esperarmos pela China.